

ENTREVISTA COM O SOCIOLINGUISTA JUAN MANUEL HERNÁNDEZ-CAMPOY

ENTREVISTA AL SOCIOLINGÜISTA JUAN MANUEL HERNÁNDEZ-CAMPOY

INTERVIEW WITH SOCIOLINGUIST JUAN MANUEL HERNÁNDEZ-CAMPOY

Egisvanda Isys de Almeida SANDES¹
Antonio MANJÓN-CABEZA CRUZ²
Elena Fernández de MOLINA ORTÉS³

RESUMO: Trata-se da entrevista que Sandes, Manjón-Cabeza Cruz e Molina Ortés fazem com o importante sociolinguista de âmbito anglo-saxão, Juan Manuel Hernández-Campoy. Sua pesquisa inclui a sociolinguística, dialetologia e história da língua inglesa, especialmente sobre a mudança e a variação linguística, áreas nas quais possui uma vasta publicação. Na entrevista, Hernández-Campoy trata de diversos aspectos como seu início como pesquisador, sua linha investigativa, questões relativas às áreas com as quais trabalha, inclusive o intercâmbio com outros pesquisadores de língua inglesa, controvérsias e coincidências nas discussões entre autores, bem como sobre a importância da sociolinguística para o ensino de línguas.

PALAVRAS-CHAVE: Juan Manuel Hernández-Campoy. Entrevista. Sociolinguística e ensino de línguas.

RESUMEN: *Se trata de la entrevista de Sandes, Manjón-Cabeza Cruz y Molina Ortés al importante sociolingüista anglosajón, Juan Manuel Hernández-Campoy. Su investigación incluye sociolingüística, dialectología e historia del idioma inglés, especialmente sobre el cambio y la variación lingüística, áreas en las que tiene una amplia gama de publicaciones. En la entrevista, Hernández-Campoy aborda varios aspectos, como su inicio como investigador, su línea de investigación, cuestiones relacionadas con las áreas con las que trabaja, incluidos los intercambios con otros investigadores de habla inglesa, controversias y coincidencias en las discusiones entre autores, así como sobre la importancia de la sociolingüística para la enseñanza de lenguas.*

PALABRAS CLAVE: *Juan Manuel Hernández-Campoy. Entrevista. Sociolingüística y enseñanza de lenguas.*

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara – SP – Brasil. Docente do Departamento de Letras. Pós-doutora pela Universidad de Granada (UGR) e Universidade de Educação a Distância (UNED). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3824-146X>. E-mail: egisvanda.sandes@unesp.br

² Universidad de Granada, Granada - Espanha. Professor Titular do Departamento de Língua Espanhola, Facultad de Filosofía y Letras. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2112-3793>. E-mail: amanjoncabeza@ugr.es

³ Universidad de Granada, Granada - Espanha. Professora Doutora do Departamento de Língua Espanhola da Facultad de Filosofía y Letras. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9907-7985>. E-mail: efortes@ugr.es

ABSTRACT: *This is the interview that Sandes, Manjón-Cabeza Cruz and Molina Ortés do with the important Anglo-Saxon sociolinguist, Juan Manuel Hernández-Campoy. His research includes sociolinguistics, dialectology and history of the English language, especially on linguistic change and variation, areas in which he has a wide range of publications. In the interview, Hernández-Campoy discusses several aspects, such as his beginning as a researcher, his investigative line, issues related to the areas with which he works, including exchanges with other English-speaking researchers, controversies and coincidences in discussions between authors, as well as about the importance of sociolinguistics for language teaching.*

KEYWORDS: *Juan Manuel Hernández-Campoy. Interview. Sociolinguistics and language teaching*

Introdução

Juan Manuel Hernández-Campoy⁴ é catedrático de Sociolinguística no Departamento de Filosofia Inglesa da Universidade de Murcia, onde leciona as matérias de Sociolinguística Inglesa, Variedades do Inglês e História da Língua Inglesa na graduação, além de Métodos e Linhas de Pesquisa em Sociolinguística na pós-graduação. De forma semelhante, seus interesses de pesquisa incluem a sociolinguística, dialetologia e história da língua inglesa, com especial interesse na mudança e na variação linguística e estilo, tendo publicado extensamente livros como *Sociolinguistic Styles* (Wiley-Blackwell, 2016), *Style-Shifting in Public* (John Benjamins; con J.A. Cutillas-Espinosa, 2012), *The Handbook of Historical Sociolinguistics* (Wiley-Blackwell; con J.C. Conde-Silvestre, 2012), *Diccionario de Sociolingüística* (Gredos; con P. Trudgill, 2007), *Metodología de la Investigación Sociolingüística* (Comares; con M. Almeida, 2005), *Sociolinguistics and the History of English: Perspectives and Problems* (EditUM; con J.C. Conde-Silvestre, 2005), *Geolingüística* (EditUM; 1999), *Variation and Linguistic Change in English: Synchronic and Diachronic Studies* (EditUM; con J.C. Conde-Silvestre, 1999), o *Sociolingüística Británica* (Octaedro; 1993), e inúmeros artigos em revistas científicas como *Language Variation & Change*, *Language in Society*, *Journal of Sociolinguistics*, *Folia Linguistica Historica*, *Neophilologie Mitteilungen*, *Folia Linguistica*, *Journal of Historical Sociolinguistics*, *International Journal of the Sociology of Language*, *International Journal of Intercultural Relations*, *Atlantis*, *Language & Communication*, *Sociolinguistic Studies*, *Multilingua*, *Language Awareness*, o *Revista Española de Lingüística Aplicada*, entre outras. Atualmente é

⁴ Página da Web: <http://webs.um.es/jmcampoy/>. Correo electrónico: jmcampoy@um.es

membro do Grupo de Pesquisa E020-13 (Variação Linguística: Fonética, Léxico e Estilo) da Universidade de Murcia.

Professor, agradecemos muito sua participação nesta entrevistas e gostaríamos de conhecer um pouco sobre seu trabalho na temática desenvolvida neste número.

Entrevista

1. Em que momento de sua trajetória acadêmica você teve contato com a sociolinguística?

*Tendo em vista a Sociolinguística não era estudada até o último ano de curso, inicialmente eu adorava a Sintaxe, para poder desvendar estruturas complexas oracionais e formular sua visualização a partir de árvores sintáticas, são como a nossa Matemática. Eu pensava em elaborar um trabalho de conclusão de graduação sobre sintaxe contrastiva entre o espanhol e o inglês que seria orientada pelo professor José María Jiménez Cano na Universidade de Murcia, a partir da qual comecei a coletar material bibliográfico durante meu quarto ano de curso (1989-1990) na Universidade de Salford, mas por aí ficou o plano sem se realizar, ao entrar em cena a Sociolinguística. Foi na chegada ao quinto ano de curso (1990-1991) quando experimentei a Sociolinguística, como um grande privilegiado, na mão do professor Peter Trudgill durante minha estadia na Universidade de Essex no marco do então incipiente Programa Erasmus. Após a primeira semana de aulas com o professor prof. Trudgill na Essex, conversei com o prof. Jiménez Cano para comunicar que estava gostando da Sociolinguística e do trabalho de Peter Trudgill e então decidimos realizar uma mudança radical em meu trabalho e nos dedicar a estudar a obra, aproveitando que estava com ele para poder conseguir seus trabalhos – que gentilmente me forneceu sem saber que poderia valer a pena. Desejava concluir meu último ano de curso em 1991 para me dedicar ao trabalho, que conclui em maio de 1992, intitulado *British Sociolinguistics: An Introduction to the Work of Professor Peter Trudgill*.*

2. Que professor ou professores o orientaram a ela?

Comecei a escutar alguma coisa sobre a Sociolinguística em 1990, ao planejar o intercâmbio da Erasmus para este ano na Universidade de Essex. Examinando a oferta de ensino desta instituição britânica com o Dr. Jiménez Cano e encontrando a LG432 Sociolinguística, ele não hesitou em recomendar que eu estudasse lá, junto com a LG453

Varieties of English, sendo ambas lecionadas por Peter Trudgill, recomendação que também fez meu tutor Erasmus, o professor Rafael Monroy Casas, quem eu havia conhecido na Universidade de Reading. Naquele momento eu não fazia ideia sobre o que era esta matéria.

3. Quais foram as leituras que fundamentaram sua trajetória?

*Além das aulas de mestrado absolutamente magníficas do professor Trudgill, onde se transmitia todo seu imenso saber e entusiasmo por esta matéria, a leitura que me marcou foi seu famoso pequeno manual intitulado *Sociolinguistics: An Introduction to Language and Society* (Penguin, 1974) em sua edição revisada de 1983 e que ainda segue sendo utilizado para esta disciplina em muitas universidades e que já conta com quatro edições, revisões ampliadas, mais de 17 reimpressões e que já foi traduzido a línguas como sueco, japonês, coreano e malaio. Trabalhei em uma tradução para o espanhol, mas não segui realizando. Também foram importantes os livros *Dialectology* (Cambridge University Press, 1980, publicado com Jack K. Chambers), que foi traduzido para o espanhol em 1994 (Visor Libros, 1994), *On Dialect: Social and Geographical Perspectives* (Blackwell, 1983) e *Dialects in Contact* (Blackwell, 1986). Além de Trudgill, também utilizava *Sociolinguistics* (Cambridge University Press, 1980) de Richard Hudson (também com versão em espanhol então: Anagrama, 1981). *An Introduction to Sociolinguistics* (Blackwell, 1986) de Ronald Wardhaugh, *Sociolinguistic Theory* (Blackwell, 1995) de Jack K. Chambers e alguns outros e, claro, em espanhol *Variación y Significado* (Hachette, 1984) de Beatriz Lavandera, *Sociolingüística: Teoría y Análisis* (Alhambra, 1989) de Carmen Silva-Corvalán, *Sociolingüística* (Gredos, 1989) de Humberto López Morales, e, obviamente, *Metodología Sociolingüística* (Gredos, 1990) de nosso Francisco Moreno Fernández.*

4. De suas primeiras pesquisas, do que você se lembra com especial carinho ou aversão?

*De minhas primeiras pesquisas, lembro-me com especial carinho aqueles trabalhos nos quais tratava de refletir sobre a Sociolingüística, como os publicados em *ELUA* (1993), *RESLA* (1994), ou *RAEFI* (1999), ainda que retrospectivamente agora os veja um pouco simples. Aproveitei muito da escrita do meu trabalho sobre a obra de Trudgill, embora tenha aproveitado menos de sua tradução para o espanhol – era horrível traduzir a si mesmo – para publicar como *Sociolingüística Británica: Introducción a las Obra de Peter Trudgill**

(Octaedro, 1993). Também foi especial a pesquisa desenvolvida para a escrita da tese de doutorado aplicando os modelos de gravidade geolingüística de Trudgill.

5. Há revistas de Sociolinguística na Espanha ou na Hispano-América? Se sim, quais ou qual você acredita que contem com uma trajetória mais inovadora, interessante ou globalizada?

Infelizmente, não predominam revistas sobre Sociolinguística na Espanha, do mesmo modo que a Sociolinguística também não é uma área tão praticada na Península, como, no entanto, se faz no mundo anglo-saxão e inclusive na América Latina. A revista Estudios de Sociolingüística na Universidade de Vigo começou no início do ano 2000, editada por Xoán Paulo Rodríguez-Yáñez, Anxo Lorenzo Suárez e Fernando Ramallo, cuja entrega e dedicação jamais saberemos agradecer, mas o mundo anglo-saxão finalmente a engoliu – por conta do impacto – tendo que mudar para Sociolinguistic Studies, que agora publica Equinox Publishing desde 2007, embora felizmente com os mesmos editores e mantendo sua política editorial, promovendo pesquisas sociolinguísticas sobre o espanhol português, galego, catalão ou basco. Temos também a Spanish in Context, publicada por John Benjamins desde 2004, editada inicialmente por Rosina Márquez Reiter, Ofelia García y Ricardo Otheguy, e agora por Kim Potowsky, Francisco Moreno Fernández, Patricia Bou-Franch e segue Rosina Márquez Reiter, a quem temos que agradecer sua dedicação pela promoção da sociolinguística hispânica. Mas além destas duas, que acredito que são muito boas, não tenho conhecimento de outras, infelizmente. Neste sentido, a oferta no mundo anglo-saxão é admirável e complexante.

6. Como tem desenvolvido sua pesquisa em sociolinguística e que evolução teve sua trajetória investigativa neste âmbito?

Tenho praticado diferentes direções dentro do espectro linguagem e sociedade. Após meu início refletindo sobre a Sociolinguística, me aprofundi na linha Geolingüística para minha tese de doutorado. Assim, mobilizado por meu âmbito profissional na aula de Filologia Inglesa, também realizei trabalhos defendendo a incorporação de uma perspectiva sociolinguística no ensino de línguas estrangeiras e na comunicação intercultural, ou da antropolinguística para entender os modismos, e a sociolinguística aplicada. Depois, com meu colega Juan Camilo Conde, trabalhamos muito em sociolinguística histórica, incentivados por nossa docência em História da Língua Inglesa, tendo produzido prolificamente nesta direção sócio-histórica. Motivado por minha terra natal, embora de

maneira amadora, por não ser de minha área de conhecimento, também pesquisei sobre o dialeto murciano a partir de enfoques sociolinguísticos, geolinguísticos e da psicologia social da linguagem (atitudes), do que gostei muito, apesar de ter sido erroneamente identificado como hispanista. Com meu colega Juan Antonio Cutillas, tenho pesquisado intensamente sobre a variação estilística e os modelos teóricos desenvolvidos, e sobre a necessidade de uma sociolinguística forense histórica para desvendar autorias de manuscritos, quando se empregavam escrivães ao ditar. Tenho gostado e buscado muito o trabalho em equipe com diversos colegas, como Juan Villena Ponsoda, Manuel Almeida, Dagmar Scheu, Rafael Monroy Casas, José Antonio Mompeán, José María Jiménez Cano, Natalie Schilling, Francisco Gutiérrez Díez, Elena Fernández de Molina Ortés, Tamara García Vidal, Manuel Díaz-Campos ou David Britain, além dos mencionados Juan Camilo Conde e Juan Antonio Cutillas. As publicações que surgiram de trabalho conjunto sempre foram as mais reconfortantes e as experiências mais enriquecedoras.

7. Você acredita que a sociolinguística está sendo suficientemente representada nos planos de estudo de sua universidade? Como? Em que níveis? Graduação ou Mestrado? Como tem evoluído esta presença?

Não suficientemente, mas também entendo que, após a redução de cinco para quatro anos com a chegada de outros cursos, todas as matérias tiveram que reduzir suas ofertas nos planos de estudos. No curso de Estudos Ingleses da Universidade de Murcia temos uma disciplina de 6 créditos denominada 1565 Língua, Sociedade e Variedades do Inglês, ofertada como eletiva no 4º semestre, e que vem a ser uma tradicional sociolinguística e dialetologia inglesas, ainda que abordemos alguma coisa nas obrigatórias 1550 História da Língua Inglesa e 1599 História da Língua Inglesa II. Quando o plano de estudos era de cinco anos, tínhamos 12 créditos em Sociolinguística, por um lado, e Variedades do Inglês, por outro, o que agora se reduz a 6 créditos comprimidos na referida anteriormente. No curso de Língua e Literatura Espanholas também tem como componente sociolinguístico a 1296 Variedades Sociais do Espanhol, além da 1290 Variedades Dialetais do Espanhol e 1291 Espanhol da América. Mas, infelizmente, no curso de Estudos Franceses e no de Filologia Clássica não tem nada, suponho que seja por que não veem como prioridade em sua oferta.

No nosso Mestrado Acadêmico em Linguística Teórica e Aplicada (MALTA), temos duas disciplinas sobre esta matéria: a obrigatória 5946 Linguagem e Sociedade e as eletivas 5970 Linhas e Métodos de Pesquisa e Mudança Linguística e Variação, 5972 Planejamento e Legislação Linguística, 5973 Diglossia e Níveis de Língua: a Situação do Grego Antigo e

Grego Moderno, e 5971 Antropologia Linguística, o que supõe uma grande oferta a partir de duas distintas direções sociolinguísticas.

8. Uma pergunta para a controvérsia: existem suas posturas entre os sociolinguistas hispânicos (e não hispânicos), enquanto uns pensam que a sociolinguística supõe uma ruptura epistemológica com a linguística anterior, outros pensam que é uma consequência da dialetologia, o que você pensa sobre isso?

Eu acredito que seja um pouco de tudo. Em minha opinião, quatro motivações deram lugar ao surgimento da sociolinguística nos anos sessenta do século XX: i) a insatisfação entre muitos linguistas com os paradigmas anteriores de Bloomfield, Saussure y Chomsky, ii) a reformulação e redefinição da Dialetologia Tradicional após os processos de industrialização e urbanização, iii) o crescente interesse pela sociolinguística e pelos problemas sociais e, finalmente, iv) a própria revolução quantitativa liderada pela corrente neopositivista e determinista, da qual Labov e Trudgill eram participantes. Este é um tempo sobre o qual tenho investido com Manuel Almeida em nosso livro Metodología de Investigación Sociolingüística (Comares, 2005) e com Peter Trudgill no Diccionario de Sociolingüística (Gredos, 2007). Uma das principais causas do desenvolvimento dos estudos sócio-culturalmente contextualizados, seguindo a inércia epistemológica da revolução quantitativa, se encontravam nas próprias concepções estruturalistas e gerativistas; especificamente, no sentimento generalizado de insatisfação com as explicações e interpretações oferecidas por essas concepções aos novos problemas levantados. A dicotomia saussuriana langue/parole, posteriormente aperfeiçoada com a chomskiana de competência/desempenho, centrava seu estudo nos traços formais de uma língua sistematicamente homogênea e na competência do falante ideal, ignorando, deliberadamente, a heterogeneidade da parole e a atuação do falante, o que, no entanto, é o que buscava a Sociolinguística – daí a reação. Ou seja, antes do surgimento da Sociolinguística, os linguistas se centraram na microlinguística, a sistemática homogeneidade da língua e da competência do falante, ignorando intencionalmente o nível macrolinguístico com a fala regularmente heterogênea, sua variação e o desempenho do falante. Outro conceito fundamental contra o qual reagiram os sociolinguistas foi a noção bloomfieldeana de ‘variação livre’, que normalmente se oferecia para os fenômenos da variação, que além de evitar ter que enfrentar suposta incapacidade de gerenciamento dos mesmos, implicava sustentar que, na verdade, não há nenhuma razão para escolher uma variante no lugar de outra entre o leque de possibilidades disponíveis para uma determinada forma linguística

dentro do repertório verbal do falante. Ou seja, pode-se utilizar de qualquer das variantes indistintamente. No entanto, a aproximação sociolinguística a estes fenômenos defendeu e constatou empiricamente que não existe a ‘variação livre’ como tal, mas a variação social e/ou contextualmente condicionada, onde cada variante deve se descrever em termos de frequência de uso, atendendo a fatores sociais e/ou contextuais. Houve uma reação lógica contra este modelo teórico que teve como consequência uma mudança fundamental: da noção de comunidade de fala sistematicamente homogênea se passa à noção de comunidade de fala regularmente heterogênea. Foi principalmente a partir dos anos setenta do século XX quando, graças à colaboração de cientistas sociais e à presunção da natureza heterogênea das comunidades linguísticas, alguns linguistas se interessaram pela tão esquecida macrolinguística, a linguística externa, e se decidiram a acometer as complexas realidades do uso da língua na sociedade, utilizando os níveis de análise microlinguísticos (fonologia, morfologia, sintaxe e semântica) como variantes linguísticas.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que isso acontecia no campo da Linguística geral, não é menos verdade que a Dialectologia tradicional sofria um processo de redefinição e reformulação de seus princípios teóricos, por um lado, e de atualização dos métodos e técnicas empregadas, por outro. Deste modo, cabe falar de uma transformação nas tarefas teóricas: do estudo dos dialetos e de sua descrição se passa ao estudo de sua natureza. O enfoque colocado pela Dialectologia tradicional no estudo da variação presente na linguagem a partir de uma perspectiva geográfica coincidia com o da Geografia Humana daqueles momentos anteriores a 1960, que se ocupava das ‘regiões’, com ‘a diferença’ e ‘a distinção’ como traços mais sobressalentes de seus objetos de estudo. Isto é, em vez de se centrar nos projetos ou estruturas espaciais, analisavam as áreas de modo individual, buscando suas características únicas, e com tal independência das que a circundam. De fato, a sigla NORMS (Nonmobile Older Rural Male speakers) resume de forma precisa sua obsessão: o desejo pela busca de dialetos mais ‘puros’ ou ‘autênticos’ das épocas mais remotas nos levou a pensar que os informantes deveriam ser os falantes do sexo masculino mais velhos (acima dos sessenta anos de idade) e das zonas rurais mais isoladas (camponeses), com deficiente educação escolar e escassa experiência de viagens. Isso não os conduziu para além de obter umas descrições inexatas e imperfeitas da fala das diferentes áreas observadas e, assim, jovens falantes nativos de uma região determinada frequentemente se surpreendiam ao descobrir que a fala gravada por dialetólogos em estudos de campo de sua região era completamente alheia a algo que remotamente lhes poderia parecer familiar. Ao limitar os estudos dialetais a áreas rurais, estavam ignorando a fala da imensa maioria da população,

ou seja, a fala das grandes áreas urbanas, dificilmente pesquisáveis aplicando os métodos da tradicional dialetologia rural. E é que, quando a modernização da sociedade gerou, com a chegada da industrialização, os conseguintes processos de urbanização nos anos cinquenta, a insistência da descrição linguística do mundo rural carecia de sentido, ou ao menos era representativamente incompleta, especialmente quando a imensa maioria da população se localizava agora na cidade, onde o que predominava era a diferenciação e a variação social mais que a geográfica. Deste modo, a dialetologia urbana apareceu combinando uma função tanto linguística quanto social.

Do mesmo modo, nos anos cinquenta e sessenta, o modelo de sociedade ocidental também sofria um processo de modernização global, mediante os correspondentes da industrialização e urbanização: o processo de urbanização estava ligado ao surgimento das cidades, em detrimento das zonas rurais, como focos de desenvolvimento industrial. Mas os desajustes deste processo ocasionaram toda uma série de problemas sociais nos grandes centros urbanos. Seria então a Sociologia, surgida nos anos sessenta como disciplina acadêmica, a que provocou o interesse dos linguistas e educadores dos países industrializados ocidentais por todos aqueles aspectos com um conteúdo social, concretamente pelas relações entre linguagem e marginalização social, e pelo uso de sua metodologia na pesquisa sobre isso. Assim, estudam-se questões como a linguagem e a classe social no Reino Unido; linguagem e raça nos Estados Unidos; linguagem e imigração na antiga República Federal da Alemanha e outros países europeus; atitudes linguísticas; sexismo na linguagem; política de línguas e planificação linguística nas novas nações-estado multilíngues surgidas na Europa depois da Segunda Guerra Mundial, etc.

Porém, como argumento em *Sociolinguistic Styles* (Wiley-Blackwell, 2016), a Sociolinguística em absoluto surge à margem da filosofia social de seu tempo. A tese kuhniana sobre a ruptura epistemológica motivada pela revolução científica e a conseguinte adoção de um novo paradigma é um fato patente aqui. É, sobretudo, a partir da Segunda Guerra Mundial que tem lugar, primeiramente, no mundo anglo-norte-americano e, posteriormente em outros países, a crise das concepções historicistas e o surgimento de uma sólida corrente neopositivista no mundo da ciência em geral, que será a chamada ‘revolução quantitativa’. Produz-se, então, um enfrentamento entre o quantitativo e o qualitativo no qual se opõem teorias, métodos e técnicas de trabalho e, acima de tudo, duas concepções diferentes de pesquisa científica. O ponto de partida da concepção neopositivista do trabalho científico é sempre empírico, experiência e profundamente anti-idealista, em que nenhum tipo de conhecimento derivado da razão pura ou julgamento a priori é reconhecido como válido,

exceto a probabilidade de verdade: i) das leis científicas – são universais e persistem fora do espaço-tempo; ii) os dados fornecidos pelo método científico são objetivos, dado que a pesquisa é neutra e asséptica; e iii) toda ciência se coloca os mesmos objetivos: a explicação, a previsão e o controle com um sistema próprio para a geração do conhecimento, que será a da formulação de hipótese mediante o procedimento hipotético-dedutivo e a contrastação mediante a observação e a experimentação. Para expressar com precisão e clareza os resultados da pesquisa científica, se exige, então, o uso da linguagem matemática e da lógica, que são concebidas como uma autêntica sintaxe da ciência, sendo assim, a verificabilidade de um critério fundamental. Isso supõe uma rejeição da intuição e do conhecimento introspectivo, tão em voga por volta da metade do século XX, por considerá-lo um poder de conhecimento com menores garantias de objetividade. O pesquisador há de ser fundamentalmente, e por vocação, um homem do campo e não da poltrona, disso a reinvidicação de William Labov, ou seja, o risco de perder contato com a realidade viva se considera muito elevado. Mas esse interesse pela aplicação dos sistemas lógicos ao material empírico propugnado pela revolução quantitativa afetou tanto as Ciências Naturais quanto Sociais do momento.

9. Outra questão para a controvérsia: há estudiosos que pensam que a chamada terceira onda (atenção ao falante concreto) pode significar retornar a paradigmas de estudos próximos a dialetologia. Qual sua opinião sobre isso?

Talvez sim, mas não só mais próximos à Dialetologia, porém, de algum modo, direcionados a – ou resgatando – os modelos e concepções teóricos anteriores à Sociolinguística em geral. Neste progresso epistemológico desde as origens da Sociolinguística tem sido realizada uma evolução teórica e metodológica a partir das aproximações mais deterministas e centradas no sistema e na estrutura até as recentes sócio-construtivistas e centradas no falante e sua ação voluntária e criativa, deslocando o foco de atenção da coletividade para a individualidade; da generalidade da média estatística à singularidade do desvio da média; dos padrões acumulativos de conduta do falante médio em estudos de grande escala com imensas quantidades de dados ao uso individual do ‘case study’; do reativo ao agentivo ou criativo; do responsivo ao iniciativo ou proativo. De fato, o conceito de ‘autêntico’ mudou: começou sendo com Labov uma condição metodológica inegociável na pesquisa sociolinguística através de seu modelo de variação linguística de fundamentação determinista para a observação da fala natural cotidiana produzida por falantes espontâneos do vernáculo puro – ou seja: ‘autêntico’ como sinônimo de

'prototípico'/'padrão' e passivo (reativo) – agora, do contrário, com as teorias sócio-construcionistas recentes, a autenticidade é entendida como 'diferente' ('não idiossincrático') e proativo, como destaca Barbara Johnstone, Mary Bucholtz, e Nik Coupland. De modo similar, e na mesma medida, nos estudos de variação estilística também se tem dado a mesma evolução com o tratamento da atuação linguística, a postura retórica e projeção de identidade, entre outros efeitos. Ou seja, tem muito componente intuitivo e qualitativo, contrário à objetividade buscada pelos modelos empiristas labovianos, e que certamente predominavam antes do surgimento da Sociolinguística, o que pode ser entendido como uma retomada dos preceitos.

Tendo praticado ambos, eu defendo que, além dos tradicionais estudos de grande escala, os 'case studies' são de muita utilidade, de modo complementar, mas não como alternativa. Após observar comunidades de fala, colocar um entrevistado concreto sob a lente do microscópio pode ser muito revelador, como os conceitos de 'comunidade de prática', 'desenho do falante', 'agency' e 'authenticity' dentro da estrutura das teorias sócio-construcionistas que estão sendo demonstradas. Porém, como complemento a onde os macro-estudos não podem chegar, pois esses casos individuais, que costumam ser personagens midiáticos, não são o comum dos meros mortais em termos de representatividade.

10. Qual sua opinião sobre as técnicas e os métodos usados na sociolinguística? Depois de quase 60 anos dos primeiros estudos, eles deveriam ser modificados, ampliados ou retocados?

É inevitável a evolução teórica e metodológica, porque as inovações tecnológicas nos proporcionam novas ferramentas de coleta de dados ou de análise, e os sistemas sociais, suas condutas e valores também mudam. Desde o Congresso de Sociolinguística celebrado em 1964 na UCLA Center for Research in Languages and Linguistics estadunidense, o primeiro congresso centrado neste campo, muitos conceitos novos e teorias novas tem surgido da Sociolinguística, uma vez que há novos problemas para resolver, novas inquietações, novas metodologias e, certamente, novas técnicas de obtenção dados e recursos mais sofisticados para seu registro, assim como novos instrumentos de análise estatística para a estimativa de significação e confiabilidade dos resultados frente à interpretação e as implicações teóricas. Com as teorias tradicionais do século XIX e a teoria da variação livre dos estruturalistas, como herança recebida, a Sociolinguística evoluiu de forma considerável em termos teóricos e metodológicos nas últimas décadas: do pressuposto da variação socialmente condicionada,

com o socioleto, o generoleto, o cronoleto, das redes sociais, o mercado linguístico, a teoria da acomodação, a dialetometria e os modelos de gravidade geolinguísticos, até as teorias mais recentes sócio-construcionistas de design de público, design de falante, design de script, ou de otimização; da linguística de poltrona até a de campo; das entrevistas presenciais iniciais aos questionários por e-mail, da Dialetologia Tradicional às entrevistas telefônicas e os questionários de web através do Google ou Facebook, da Sociolinguística Variacionista mais recente; da gravação indiscriminada à ética no trabalho de campo; da lealdade linguística ou prestígio encoberto e manifestado da Psicologia Social da Linguagem até os mapas mentais da Dialetologia Perceptiva; da Sociolinguística Histórica até a Linguística de Corpus; etc.; ou da estatística básica, logo VarBrul e SPSS à Linguagem R de agora.

- Também é controverso o papel da análise estatística na sociolinguística. Alguns estudiosos pensam que está se tornando um aparato formal que pode dificultar a visão e que está caindo em defeitos parecidos aos de outras escolas linguísticas formalistas, qual sua opinião a respeito do papel da estatística nos estudos sociolinguísticos?

Concordo totalmente. A estatística deve ser uma ferramenta, ou um meio, para nossa análise e interpretação de grandes quantidades de dados, e não o fim.

- Pode resumir alguma de suas pesquisas mais recentes? A que você tem se dedicado neste momento?

A pesquisa mais recente a que tenho me dedicado neste momento é a respeito da variação estilística, que teve como resultado o livro Sociolinguistic Styles (Wiley-Blackwell, 2016), bem como a aplicação dos modelos diafásicos atuais ao corpus de correspondência privada do passado medieval inglês. No livro, destaco que a história das revoluções científicas tem demonstrado que a adoção de novos paradigmas sempre se baseia em um estágio anterior do qual eles começam, mas contra os quais normalmente reagem. Assim, a sociolinguística e seus estudos de variação estilística também não têm sido alheios às correntes filosóficas e à teoria social de seu tempo. Nos postulados fundacionais labovianos dos anos sessenta do século passado (XX), estava instalado o pensamento próprio do Determinismo e Neopositivismo, que presenciava ao falante como um autômato totalmente previsível e predestinado a partir de padrões regulares, universais e socialmente estruturais de variação sociolinguística e unicamente observável em uma realidade objetiva a partir do

método científico. No entanto, mais recentemente, o Sócio-construtivismo e o Relativismo são os novos fundamentos da Sociolinguística do século XXI, que perfilam o falante como um sujeito ativo, autônomo e imprevisível participante na construção, percepção e interpretação de suas múltiplas realidades e da projeção de suas múltiplas identidades através de suas opções estilísticas e usos linguísticos na comunicação interpessoal. No contexto de um pensamento antirrealista, relativista e interpretativista, os recursos estilísticos na produção linguística constituem uma iniciativa estratégica deliberada para a criação e projeção de uma identidade e imagem próprias a nível interpessoal. Por esta razão, as novas aproximações ao fenômeno da variação estilística na Sociolinguística estão desenvolvendo uma caracterização mais multidimensional, interdisciplinar e multidisciplinar, aprofundando-se na significação social da linguagem e sua capacidade como recurso indenitário e ideológico, ao entendê-lo não simplesmente como um meio de comunicar informação, mas também como um meio excepcional para estabelecer e manter relações sociais, bem como, crucialmente, para transmitir informação sobre o próprio falante.

Embora eu continue investigando aspectos da variação estilística e sociolinguística histórica, estamos planejando novas frentes do nosso Grupo de Pesquisa da Universidade de Murcia: sociolinguística e ensino, línguas francas, variedades regionais, etc. Existem mais ideias de projeto do que tempo.

11. Considera que há âmbitos de estudo da variação que ainda não tenham sido desenvolvidos ou recebido pouca atenção?

Com certeza. A pesquisa sociolinguística é muito prolífica e, cada dia mais, se enfoca novos aspectos e âmbitos. Basta ver como a literatura é tremendamente produtiva em nosso campo de estudo, e não temos tempo para acompanhar tudo, uma vez que é muito ampla em suas diferentes direções. E também o quanto são concorridos os congressos desta especialidade, como o Sociolinguistics Symposium ou o New Ways of Analyzing Variation, o que atesta o ímpeto e a vitalidade da Sociolinguística (ainda que infelizmente esteja mais fora de nossas fronteiras do que na Espanha).

12. Você acredita que tem formado escola: tese, seguidores, artigos compartilhados, etc.?

Não acho que eu tenha formado escola (nem teria esta perspectiva ainda para afirmar), e especial e felizmente porque ainda temos a nossos fundadores da disciplina ativos

e dinamizando pesquisas. Eu ainda me vejo mais imerso na escola trudgilliana que dinamizador de uma escola campoyana. Como dizia antes, eu tenho gostado e buscado muito pelo trabalho em equipe com muitos diversos colegas, entendendo que as publicações emanadas do trabalho conjunto sempre constituem as experiências mais enriquecedoras e reconfortantes pelo contraste que proporcionam.

13. Quase para finalizar, este volume é dedicado à sociolinguística e ao ensino, que tipo de relação se estabelece entre elas, em sua opinião?

Acho que há muita relação entre a sociolinguística e o ensino, tanto de línguas maternas como de segunda língua (língua estrangeira) e é algo sobre o qual não se tem trabalhado muito – ao menos não o suficiente – nem se tem dado a importância que merece; especialmente por suas possíveis aplicações na docência e na elaboração de materiais didáticos, ainda muito sociolinguisticamente insensíveis, como abordamos em nosso artigo para esta edição (pela qual o parabenizo por ser oportuna e necessária).

Como referenciar esta entrevista

SANDES, Egisvanda Isys de Almeida; MANJÓN-CABEZA CRUZ, Antonio; MOLINA ORTÉS, Elena Fernández de. Entrevista com o sociolinguista Juan Manuel Hernández-Campoy. **Rev. EntreLínguas**, Araraquara, v. 6, n. 1, p. 22-36, jan./jun., 2020. e-ISSN: 2447-3529. DOI: <https://doi.org/10.29051/el.v6i1.13728>

Submetido em: 30/07/2019

Revisões requeridas em: 30/08/2019

Aceito em: 30/11/2019

Publicado em: 06/01/2020